RESENHA

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística*. Uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

Eliabe PROCÓPIO[1]

Palavras-chave: Mudança linguística; funcionalismo linguístico; linguística centrada no uso.

Keywords: Language change; linguistic functionalism; usage-based model.

Essa obra é o primeiro volume da coleção **leituras introdutórias em linguagem**, que se distingue por sua seleção de títulos: os originais enviados pelos autores são lidos anonimamente por alunos e professores de Letras, de diferentes instituições, que emitem um *visto bom*, seguindo, então, para publicação, a qual se destina principalmente a estudantes de Linguística.

Quanto ao autor, dispensam-se apresentações, mas, dado seu recém-falecimento[2] no auge de sua produção acadêmica, vale destacar a qualidade e a intensidade de seus trabalhos, não apenas em sua universidade, UFRJ, mas em outras instituições da federação, o que lhe garantiu bolsa de produtividade concedida pelo CNPq.

Em geral, o assunto *mudança linguística* se restringe à seção de algum livro, ou os autores, focalizando variação linguística, tratam-na como secundária. Nessa obra, ocorre o contrário, todo o livro discorre acerca da mudança e em uma linguagem clara e acessível, porém sem perder a profundidade do assunto, já que se propõe a apresentar panoramicamente o tema.

Outro diferencial da obra está em sua constituição, pois o autor não se deteve apenas em fazer uma síntese histórica da matéria, mas deslindou a natureza da mudança linguística sob o viés funcional, apresentando alinhadamente teoria e prática, repartidas em três capítulos ("a natureza dinâmica das línguas", "linguística centrada no uso" e "gramaticalização e lexicalização"), acompanhados de introdução, considerações finais, desdobramentos do tema, lendo mais sobre o assunto, referências e índice remissivo.

1 Mestrando em Linguística (UFC), máster em Filologia Hispânica (CSIC) e licenciatura em Letras Português/Espanhol e suas literaturas (UFC). Professor do Curso de Letras/UECE. Correio eletrônico: eliabe.procopio@uece.br

2 Esta é a última publicação (out/2011) do professor Mario Martelotta, lançada postumamente, falecido em abr/2011.

O autor inicia a obra perguntando-se "por que razão as línguas mudam?"(p. 27), para ele, conforme Bally (*apud*Coseriu, 1979, p. 15), "as línguas mudam sem cessar e não podem funcionar senão mudando". É algo que faz parte da natureza dinâmica das línguas e da função que elas desempenham:

> As línguas não têm funcionalidade em si mesmas, os humanos as desenvolveram para promover a comunicação entre eles. Ora, os homens evoluem e mudam suas concepções acerca do mundo em que vivem, que, consequentemente, acaba mudando com eles (p. 27).

A seguir, o autor apresentauma revisão histórica a respeito das abordagens teóricas relativas à mudança, começando pelo surgimento da Linguística,passando pelo desenvolvimento da gramática histórico-comparativa, que ambicionava descrever a "estrutura da língua original", e mostrando comoos comparatistas,que tiveram contato com várias línguas, notaram o caráter mutacionallinguístico, oque possibilitou a Schleicher relacioná-lo aos pressupostos evolutivos de Darwin. No entanto, essa visão evolutiva das línguas pode conduzir a um juízo de valor negativo.

Em contraponto aos historicistas, surgiram os neogramáticos, formulando, v.g., o princípio douniformitarismo, segundo o qual "todos os eventos passados podem ser explicados pelas ações ou causas agora operantes"(p. 32). Com os neogramáticos, os estudos de mudança linguística receberam métodos analíticos mais sólidos, como as leis fonéticas.

Após abordar este período, o autor traça brevemente a contribuição de Saussure, Chomsky e Labov para o estudo da mudança linguística.O primeiro diferenciava os estudos sincrônicos de diacrônicos e foi posteriormente criticado por ver as línguas como uniformes em um dado momento evolutivo; o segundo, embora metodologicamente desprezasse o uso linguístico, só procurou explicar a mudança com a teoria paramétrica, que identifica a mudança como "alterações decorrentes de interferência analógicas não modulares provenientes de estruturas de uso com alta frequência"(p. 46); e o terceiro, considerando o uso real da língua e sua dinamicidade, concentrou-se na co-ocorrência de formas (variação), que pode levar à mudança e postulou conceitos e metodologias importantes, como variação estável/ mudança em progresso, estudo do tempo aparente, real, de tendências

e de painel.

Concluído o foco histórico, Martelottapassa a apresentar os pressupostos funcionais para o estudo da mudança. Para tal, adota os pressupostos da **Linguística Centrada no Uso** (LCU), em inglês *usage-basedmodel*, que conta com representantes como Givón, Hopper, Traugott e Bybee, entre outros.

Com base nessa perspectiva teórica, crê-se que há uma "relação estreita entre a estrutura linguística e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação" (p.55). Diferentemente das abordagens já citadas, a LCU toca não apenas nos aspectos formais ou no encaixamento língua-sociedade, mas atenta inclusive para fatores semânticos, pragmáticos, discursivos e, principalmente, cognitivos (experiência, compreensão e armazenamento de memória).

Para melhor entendimento, o escritor seleciona alguns postulados da LCU, a saber:

> 1. Relação Biologia e Cultura (p. 57-64) – assim como o Gerativismo, aceita que os humanos possuem estruturas e habilidades inatas, porém estas não se limitam à linguagem, na verdade, estão também relacionadas a outras formas de pensamento ou a outras habilidades cognitivas. Consequentemente, não se defende a existência de uma gramática autônoma de base biológica humana, o que implica que a LCU concebe a sintaxe como estando relacionada a fenômenos semânticos e discursivo-pragmáticos. Por isso que não se concebe uma gramática pronta, mas emergente e motivada por fatores cognitivos e comunicativos.
> 2. O papel da interação (p. 64-67) – a gramática é encarada como fenômeno sociocultural, por isso sua estrutura e sua regularidade advêm do discurso, refletindo nossa intenção comunicativa e o efeito que queremos atingir no receptor.
> 3. O papel da cognição (p. 67-73) – no processamento discursivo, o usuário da língua processa mecanismos cognitivos, como "simbolização, transferência entre domínios,

> armazenamento de informação na memória e interpretação da informação etc.". Daí a gramática ser vista como um dos resultados desses mecanismos,que envolvem o aprendizado e o uso da língua com habilidades sociais e cognitivas, como por exemplo, as habilidades de busca de padrões e as habilidades de percepção da intenção, segundo as quais os usuários compartilhaminformações e intenções.

Defender que a constituição linguística é emergente, não é dizer que a língua (a mudança) se organiza aleatoriamente, mas há uma propensão à unidirecionalidade, "os elementos tendem a desenvolver, com o tempo, valores mais subjetivos e abstratos, além de se tornarem internamente menos composicionais" (p.73). Tal regularidade mutacionalse manifesta em trajetórias prototípicas que se repetem através do tempo e em diferentes línguas; não sendo, portanto, absolutos, mas tendências possíveis. Martelotta (2011) assevera, ainda, que é exatamente porque nossas habilidades cognitivas não atuam de modo absoluto que não podemos fazer previsões absolutas de mudanças futuras. O autor defende que tais habilidades só se concretizam em situações reais de uso, o que lhes confere "um caráter localizado e criativo, típico de situações de improviso".

Além da questão referente à possibilidade ou à impossibilidade de uma determinada mudança ocorrer, o autor ressalta a importância da questão relativa ao nível de extensão da mudança. Segundo ele, há mudanças que não se estendem para contextos muito distantes daqueles em que ocorriam os usos originais.

Por exemplo, em português, assim como em outras línguas, o verbo *querer* desenvolveu um valor aspectual incoativo ("ele está querendo ficar gripado ou o tempo está querendo mudar"). Nesses casos a mudança ocorre porque o verbo *querer* perde seu sentido inicial (relativo a vontade, a desejo) e passa a funcionar como auxiliar indicador de aspecto. Todavia, observa-se ainda que o uso do verbo *querer* em perífrases parece se restringir, em português, a casos específicos, como os de sujeitos não humanos ("o tempo está querendo mudar ou a casa está querendo cair") ou à possibilidade ligada a enfermidades ("ele está

querendo gripar"). Nesses casos, *querer* não pode ser interpretado como volitivo. Já em "Maria está querendo ir embora", a perífrase não pode ser interpretada como expressando um valor proximativo, vez que não se pode dizer que "Maria está prestes a". Isso demonstra que, em português, a perífrase "querer + gerúndio" está em processo de gramaticalização, mas ainda não se gramaticalizou totalmente como uma expressão de valor proximativo.

A Linguística Centrada no Uso, chamada por alguns de Linguística Cognitivo-Funcional, também se propõe a estabelecer uma tipologia prototípica da mudança linguística.

Martelotta trata de dois fenômenos específicos e distintos de mudança, denominados gramaticalização *e* lexicalização. Com isso, o teórico defendeque o discurso motiva transformações nos elementos linguísticos, os quais se dispõem em uma unidirecionalidade, do discurso para a gramática, em que os itens se gramaticalizam, perdem a mobilidade motivada pelo discurso, tornando-se mais fixos e regulares. Portanto, Martelotta define gramaticalização como:

> [...] um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (p. 92).

Itens gramaticalizadospodem migrar do nível representacional para o interpessoal, isto é, deixam de referenciar "dados mais objetivos associados ao nosso mundo biossocial", para organizar a comunicação.

Martelotta discorre sobre alguns tipos de gramaticalização e exemplifica (p. 94-117): passagem de vocábulo livre para afixo, de verbo pleno para auxiliar, advérbio para conjunção, advérbio de modo para modalizador ou marcador discursivo. Apresenta ainda os parâmetros de gramaticalização de Heine e Kuteva (2007) e motivações para tal processo, exemplificando todos com a língua portuguesa.

No tocante à lexicalização, o autor a define como "processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes" (p.117), diferenciando-se da gramaticalização porque, ao contrário deste, a lexicalização cria um "elemento lexical, referencial, menos produtivo"(p. 118).

Encontram-se vários exemplos de lexicalização em português, como é o caso de *quadro-negro* que se ampliou a quadros de outras

cores, utilizados em sala de aula; ou o prefixo *pró*-como substantivo "os prós".

No final do livro, o autorapresenta uma seção em que sugere algumas atividades de pesquisa sobre mudança linguística e outra em que indica um conjunto de obras que tratam do fenômeno da mudança linguística.

Por fim, apesar de a obra ser de caráter introdutório, diferencia-se não apenas por focalizar a mudança linguística, mas por apresentá-la de modo panorâmico e focalizado na Linguística funcional, especificamente naabordagem centrada no Uso, ilustrando suas seções teóricas com exemplos de língua portuguesa e apontando similares em outros idiomas.

Recebido em 15 de outubro de 2012.
Aceito em 12 de abril de 2013.